

A VOLTA DO TALIBÃ AO GOVERNO DO AFGANISTÃO: POR UMA ANÁLISE MATERIALISTA DO DISCURSO

Max Rocha

Universidade Federal do Piauí – UFPI/UNEAL.

Maraisa

Universidade Federal do Piauí - UFPI

João Benvindo

Universidade Federal do Piauí – UFPI

RESUMO

Neste trabalho, propomos uma análise de sequências discursivas construídas por meio de uma entrevista veiculada no programa Domingo Espetacular, da Rede Record de televisão, durante os meses de setembro e outubro de 2021. O jornalista Roberto Cabrini viajou até o Afeganistão e entrevistou várias pessoas sobre a retomada do poder pelo grupo Talibã. Entre os entrevistados, selecionamos Enamullah Samangani, considerado o porta-voz oficial do referido governo. Nessa entrevista, analisamos os diferentes efeitos de sentido produzidos pela materialidade discursiva. Para isso, ancoramos a nossa investigação na Análise de Discurso Materialista, inaugurada por Michel Pêcheux e ampliada por seus continuadores, focalizando alguns dispositivos analíticos, a exemplo da formação discursiva, formação ideológica, memória discursiva, interdiscurso, posição-sujeito, entre outros. Assim, verificamos que o discurso jornalístico, a partir dos recortes apreciados em nossos gestos de análise, é produzido a partir de duas posições-sujeito diferentes, as quais tensionam a imagem que se tem sobre o Talibã e suas ações. No primeiro recorte, notamos que o jornalista retoma memórias constitutivas sobre o Talibã (pelo viés ocidental), enquanto o entrevistado busca atualizar essa memória a partir de um discurso de novidade. Quanto ao segundo recorte, compreendermos que o papel da mulher afegã ainda é socialmente constituído pelo traço da religiosidade, uma vez que cabe aos seus líderes a decisão sobre seu futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso materialista. Discurso jornalístico. Talibã.

THE RETURN OF THE TALIBAN TO THE GOVERNMENT OF AFGHANISTAN: A MATERIALIST DISCOURSE ANALYSIS

ABSTRACT

As for this paper, we have proposed an analysis of discursive sequences constructed through an interview aired on the Domingo Espetacular program on Rede Record of television during the months of September and October of 2021. Journalist Roberto Cabrini traveled to Afghanistan and interviewed several people about the resumption of power by the Taliban group. Among those interviewed, we selected Enamullah Samangani, considered the official spokesman for the aforementioned government. In this interview, we have analyzed the different meaning effects produced by the discursive materiality. For this, we anchored our investigation in Materialist Discourse Analysis, inaugurated by Michel Pêcheux and expanded by his followers, focusing on some analytical devices, such as discursive formation, ideological formation, discursive memory, interdiscourse, subject-position, among others. Thus, we have verified that the journalistic discourse, concerning the clippings appreciated in our analysis gestures, is produced from two different subject-positions, which tense the image that one has about the Taliban and his actions. In the first clipping, we have noticed that the journalist takes up constitutive memories about the Taliban (from the western point of view), while the interviewed seeks to update this memory from a discourse of newness. As for the second clipping, we have understood that the role of the Afghan woman is still socially constituted by the trait of religiosity, since it is up to its leaders to decide about their future.

KEYWORDS: Materialist discourse analysis. Journalistic discourse. Taliban.

Considerações iniciais

Este trabalho se debruça sobre o funcionamento discursivo durante uma entrevista¹ entre Roberto Cabrini, jornalista efetivo do quadro da Rede Record de televisão, e Enamullah Samangani, porta-voz oficial do governo Talibã no Afeganistão. Assim, por meio de gestos de análise em recortes selecionados, verificamos as contradições que constituem nossa materialidade e quais efeitos de sentido são produzidos por meio do discurso. Segundo Lopes (2015), o discurso jornalístico trabalha a partir do efeito de criação de um relato fiel dos fatos, amparando-se na ideia de informatividade, permitindo ao leitor uma leitura sobre os fenômenos do mundo e o acionamento de questões ligadas à memória.

Assumindo como escopo teórico-metodológico a Análise de Discurso Materialista, almejamos, neste estudo: a) compreender os efeitos de sentido que foram produzidos por meio dos discursos do jornalista Roberto Cabrini e do porta-voz oficial do governo do Talibã no Afeganistão, Enamullah Samangani; b) discutir o processo de identificação dos sentidos construídos com os discursos produzidos pela prática jornalística em tela; c) verificar os possíveis deslocamentos de sentido que ratificam práticas de silenciamento, as quais imobilizam e interpelam os sujeitos; e d) observar de que maneira ocorre uma atualização da memória discursiva.

O nosso *corpus* foi constituído por meio de uma entrevista oral televisiva. O jornalista Roberto Cabrini viajou até o Afeganistão com o objetivo de fazer uma reportagem sobre o caos vivido recentemente nesse país pertencente ao Oriente Médio. Essa reportagem, por ser muito longa, foi dividida em dois momentos e apresentada no programa semanal Domingo Espetacular da Rede Record de televisão nos meses de setembro e outubro de 2021. O referido jornalista entrevistou algumas pessoas, mas, como recorte, selecionamos apenas a entrevista com Enamullah Samangani. Ele é porta-voz oficial do governo Talibã e responde em nome de todo o referido grupo político e religioso. Assim, de posse desse material, podemos compreender o discurso oficial do Talibã a partir de um representante legal filiado a esse grupo, muito embora saibamos que “as intenções são assim produtos de processos de significação aos quais o sujeito não tem acesso direto” (ORLANDI, 1998, p. 78), já que é interpelado ideologicamente.

¹ A reportagem na íntegra pode ser consultada gratuitamente por qualquer pessoa. Está disponibilizada em: https://www.youtube.com/watch?v=aPGtIl3mjXo&ab_channel=DomingoEspetacular. Acesso em 20 de setembro de 2021.

As reportagens, assim como a entrevista na íntegra, estão disponíveis na plataforma virtual do *YouTube* e podem ser acessadas de forma gratuita, pois é uma rede social pública de vídeos. No material adquirido, verificamos os diferentes efeitos de sentido que, em sua maioria, criam um efeito imaginário negativo do grupo Talibã. A todo momento, o entrevistador Roberto Cabrini evoca uma memória de violência que endossa ainda mais esse efeito negativo do referido grupo. Assim, vemos um dizer que se instala de modo a deslocar sentidos e, desse modo, a criar um ideal de terrorismo, fundamentado em uma memória discursiva, que reestabelece os implícitos de um texto a ler, configurando sua própria condição de legibilidade (PÊCHEUX, 2014). Ao mesmo tempo, o discurso de Enamullah Samangani atualiza essa memória numa outra direção de sentido.

Para dar cumprimento a este estudo, dividimo-lo, além das considerações iniciais e finais, em três seções. A primeira aborda as questões teóricas e epistemológicas do campo discursivo numa abordagem materialista. Apresentamos concepções de discurso, sujeito, língua, ideologia, além das categorias analíticas que foram selecionadas. A segunda é organizada por meio de considerações sobre o discurso jornalístico enquanto prática social da linguagem. Ponderamos acerca de algumas características que lhes são intrínsecas, sobretudo, o efeito ilusório de informatividade. Por fim, na terceira seção, baseando-nos na abordagem materialista, procuramos apresentar gestos de análise em dois recortes da referida entrevista.

Questões de análise de discurso materialista

Neste trabalho, partimos da ideia de que a Análise de Discurso Materialista (doravante ADM) formulada, inicialmente, por Michel Pêcheux, na França, a partir de 1960, toma como objeto de análise o discurso, este compreendido mediante fatores de ordem histórica, ideológica, linguística, filiado a uma perspectiva amplamente social da linguagem. Assim sendo, não podemos considerar o discurso como uma simples expressão da fala, de pensamentos ou instrumento de comunicação, desvinculado de sua realidade material, uma vez que esses aspectos não representam a totalidade das filiações sociais e históricas que perpassam as nuances no campo discursivo. Nessa esteira, consideramos que o discurso “é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2015, p. 17) em dadas condições de produção.

Dessa maneira, o discurso em ADM representa os efeitos de sentido que são formulados na interdiscursividade, na prática de linguagem ancorada na história, na ideologia. Os processos

ideológico e histórico são os responsáveis por engatilharem o plano da discursividade². A própria significação não ocorre de uma única maneira, mas a partir de falhas, de deslocamentos e deslizamentos de sentido, de equívocos, justamente pelo fato de a língua não ser considerada algo transparente, mas sujeito a falhas (ORLANDI, 2009). Por isso, nesta pesquisa, buscamos compreender os possíveis efeitos de sentido produzidos pelos/nos discursos de Roberto Cabrini e do porta-voz oficial do governo do Talibã no Afeganistão, Enamullah Samangani, sobretudo, almejando entender de que modo esses sentidos formulados discursivamente significam nessa conjuntura social, histórica e, sobretudo, em matéria ideológica do discurso produzido pelo grupo Talibã. Como nos diz Orlandi (2008, p. 20), “a ideologia tem, pois, uma materialidade, e o discurso é o lugar em que se pode ter acesso a essa materialidade”.

Na ADM, consideramos o sujeito como assujeitado³, ou seja, constituído pelas forças externas, ancoradas na discursividade. Não imaginamos um sujeito soberano, dono absoluto de seu dizer, conforme outras linhas teóricas, a exemplo da Retórica, conforme postula Piris (2016). De nossa parte, destacamos a importância de postular a incompletude do sujeito e da própria linguagem (ORLANDI, 2015). O ser social é interpelado pelas forças ideológicas, cuja função é materializar ideias por intermédio de ações, sem intencionalidades preestabelecidas. Assim sendo, é possível dizer que o sujeito só existe dentro de determinadas realidades pertencentes a uma conjuntura social, linguística, histórica e ideológica que lhes interpelam constantemente. Acerca disso, é importante trazer o seguinte pensamento:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2015, p. 53).

Como vimos, esse sujeito postulado por Orlandi (2015) não tem qualquer relação com a ideia de sujeito empírico, de carne e osso da Retórica ou mesmo da Semiologia. Na verdade, “o sujeito é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da

² “O que chamamos de discursividade é justamente a inscrição dos efeitos da língua na história” (ORLANDI, 2005, p. 20).

³ “Não há nenhuma autonomia plena da subjetividade, que é determinada pelas relações sociais e que escolhe as alternativas apresentadas pelo seu tempo histórico. Por mais individuais que pareçam as escolhas do sujeito elas são sociais. Embora o sujeito, na maioria das vezes, tenha a ilusão de autonomia, em sociedades divididas em classes, todas as escolhas, das mais pessoais – como a quem se pode amar, até as econômicas, à forma de explorar o trabalhador – são determinações sociais” (FLORÊNCIO; MAGALHÃES; SILVA SOBRINHO; CAVALCANTE, 2009, p. 51).

história, não tendo o controle sobre como elas o afetam. [...] o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 20). Nesse sentido, podemos entender que a autora está se referindo a uma posição-sujeito, que Pêcheux (2014) compreende como a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito), cuja função se imprime no discurso, em virtude de uma memória discursiva que engloba outros discursos, os chamados já-ditos. Em nosso trabalho, é imprescindível observarmos o sujeito em sua posição-sujeito, estabelecendo relações com outros discursos precedentes, enraizados numa memória discursiva que, a todo momento, evoca outros dizeres de outras épocas, uma vez que “todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento em seu espaço” (PÊCHEUX, 1990, p. 56).

Desse modo, é possível falarmos em formação discursiva, tendo em vista que os sentidos não estão prontos, acabados e fechados em si mesmos; ao contrário, eles surgem em virtude de posições ideológicas de identificação ligadas aos sujeitos, uma vez que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentido e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2015, p. 21). Nesse âmbito, também podemos falar que a formação discursiva ocorre por meio daquilo que pode e dever ser dito em dado contexto. O próprio Pêcheux (2014, p. 160) assim define a formação discursiva: “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e dever ser dito”. Disso, depreendemos que é impossível que um sujeito se manifeste discursivamente sem inscrever-se em uma posição ideológica, num lugar de articulação entre língua e discurso, uma vez que “um discurso está sempre em relação com a exterioridade que lhe é constitutiva” (LOPES, 2015, p. 100), não podendo ficar imune, intacto aos aspectos que lhe refratam.

Em nossas análises, veremos que a formação discursiva é a representação da formação ideológica presente no fio discursivo. Na verdade, como preconizam os estudos de Orlandi (2015), ambas estão intrinsecamente relacionadas e acreditamos não ser possível separá-las na ADM. Mais uma vez, evocamos o precursor da teoria do discurso materialista para ressaltar que: “[...] toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p. 148-149). A formação discursiva aponta um domínio do dizer, ou seja, é um lugar de constituição do sentido; a formação ideológica, por sua vez, apresenta a posição social ocupada pelo sujeito quando este

põe em prática o funcionamento⁴ discursivo, por meio de efeitos de sentido circunscritos em práticas sociais. Ambas as formações serão mobilizadas em nosso gesto analítico, com o fito de entender as querelas que são evidenciadas ou silenciadas no discurso do porta-voz do governo do Talibã no Afeganistão.

Do escopo das formações discursivas, surge o interdiscurso, compreendido como “o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos [...]. É preciso que o que foi dito por um sujeito específico [...] se apague na memória para que, passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras” (ORLANDI, 2015, p. 33-34). Assim, é por meio do interdiscurso que podemos perscrutar a presença do discurso-outro, da heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 2012), mesmo que apareça de forma ressignificada de uma memória de sentidos aparentemente “novos”. Essa noção de interdiscurso recai sobre a ideia de sentidos anteriormente construídos e atravessados por vozes outras, mas que constituem discursos atuais, que são fundados em determinadas condições de produção. Aliado ao interdiscurso, temos o intradiscurso, “compreendido como o que está sendo dito em situação e momento dados, como fio do discurso, como funcionamento discursivo, atravessado pelo interdiscurso, por isso indissociados” (FLORÊNCIO; MAGALHÃES; SILVA SOBRINHO; CAVALCANTE, 2009, p. 76).

O interdiscurso e o intradiscurso devem ser pensados como dois eixos: o primeiro evoca elementos já-ditos; o segundo focaliza o que está sendo dito, a partir de um dado momento, em uma dada situação (ORLANDI, 2015). Em nosso *corpus*, será possível analisar de que maneira outros discursos aparecem como interdiscurso, a fim de estabelecer certos efeitos de sentido e não outros por meio da prática discursiva constituída pela ideologia. No intradiscurso, analisaremos a formulação do que está sendo dito e quais os efeitos suscitados por meio dos dizeres. Em vista disso, corroboramos a ideia de que essas duas categorias são mesmo indissociáveis e só podem ser consideradas no mesmo plano discursivo de maneira conjunta.

Em se tratando da ideologia⁵, entendemos que ela contribui com a interpelação dos sujeitos, a qual se dá linguisticamente e, com isso, eles passam a enunciar de acordo com a posição-sujeito da prática social discursiva a que pertencem. Em virtude disso, esse sujeito passa a dizer de acordo com a instância ideológica que lhe interpelou. Sobre isso, Pêcheux e

⁴ “A noção fundamental é a de funcionamento. Quer dizer, do ponto de vista da análise do discurso, o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso” (ORLANDI, 2011, p. 117).

⁵ “Falar de ideologia em termos ontológico-práticos significa analisar esse fenômeno essencialmente pela função social que desempenha, ou seja, enquanto veículo de conscientização e prévia-ideação da prática social dos homens” (VAISMAN, 2010, p. 51).

Fuchs (1997, p. 166) advogam: “[...] cada um é conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das classes sociais antagônicas do modo de produção”. Por isso, concebemos, neste trabalho, a ideologia como pertencente ao próprio funcionamento discursivo. Em nosso objeto de estudo, a ideologia é um elemento que apresenta determinações que mostram as posições dos integrantes de uma formação discursiva específica, neste caso, as do jornalista Roberto Cabrini e as do representante oficial do governo Talibã no Afeganistão, Enamullah Samangani.

De tudo isso, temos a memória discursiva, que é outra noção mobilizada, a qual é deveras importante neste trabalho, sobretudo pelo fato de ela estar relacionada à discursividade. É o “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2015, p. 31). Como sabemos, a memória discursiva é aquilo que é produzido por meio de esquecimentos, mas que volta à tona, como forma de interdiscurso, de um já-dito. Assim, a memória também faz parte da produção do discurso e, por conta disso, iremos analisar como essa categoria analítica funciona nos discursos do jornalista e do porta-voz do governo do Talibã, produzindo diferentes efeitos de sentido. Dessa maneira, a memória deve ser considerada interdiscursivamente, materializada no escopo do intradiscurso, como uma espécie de abertura para que seja possível acontecer o atravessamento do discurso-outro, como nos mostra o recente trabalho desenvolvido por Ericson (2019).

Nessa perspectiva de significação, não há análise discursiva sem pensarmos nas condições de produção do discurso. De acordo com Orlandi (2015), as condições de produção dizem respeito ao sujeito e à situação. A autora postula que essa categoria precisa ser vista em dois contextos: estrito e amplo. O primeiro ocorre quando temos o contexto imediato, o aqui e o agora do fazer discursivo. O segundo acontece quando percebemos o contexto que engloba aspectos sócio-históricos e ideológicos, por isso a necessidade de a memória discursiva ser convocada nesse âmbito. Em nosso *corpus*, verificaremos que o contexto imediato é o momento de produção da entrevista, o local onde entrevistador e entrevistado estavam, o momento dos conflitos no Afeganistão, os sujeitos envolvidos, entre outros elementos; o contexto amplo traz à baila elementos ligados à formação ideológica do Oriente Médio, ao universo religioso islâmico, às lutas entre orientais e ocidentais, ou seja, aspectos que derivam da própria sociedade, calcados na história e na ideologia, isto é, na discursividade como um todo.

Desse modo, para nós, importa considerar que as condições de produção são determinações responsáveis por caracterizar “um processo discursivo, inclusive as

características múltiplas de uma situação concreta que conduz à produção do sentido linguístico” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 183). Assim sendo, podemos compreender que não existe um sentido único, verdadeiro, completo, fechado, acabado, mas sim sentidos vários que podem ser significados a partir de diferentes formações discursivas e ideológicas. As condições de produção se afiguram como uma das principais categorias de análise da ADM, pois é preciso considerar o discurso enquanto produção sócio-histórica-ideológica. Nesse sentido, compreendemos que nenhum discurso nasce do nada, assim como nenhum discurso é neutro ou inocente (FLORÊNCIO; MAGALHÃES; SILVA SOBRINHO; CAVALCANTE, 2009; MAGALHÃES, 2003).

Por meio do nosso gesto de análise será possível compreendermos de que maneira diferentes efeitos de sentido são postos em funcionamento no discurso em tela. Acreditamos que será possível compreender as posições-sujeito assumidas no discurso do jornalista e do porta-voz oficial do governo do Talibã. O nosso intuito é analisar como o dito reverbera aspectos ligados à interdiscursividade. Não é nosso objetivo fazer juízos de valor sobre o que é bom ou ruim, mas sim observar como fios ideológicos perpassam o intricado das falas, propiciando diferentes efeitos de sentido que, em muitos casos, revelam os lugares sociais que os sujeitos ocupam. Noções como sujeito, formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso, intradiscurso, memória discursiva, condições de produção, entre outras, serão imprescindíveis em nosso gesto de análise das sequências discursivas recortadas. Antes disso, importa tecermos comentários sobre o discurso jornalístico.

Acerca do discurso jornalístico

Neste estudo, tecemos interlocuções entre o campo da teoria do discurso provinda de Michel Pêcheux e o jornalismo, em virtude de nosso objeto analítico pertencer a essa esfera da atividade humana (BAKHTIN, 1997). Assim sendo, a prática discursiva jornalística, como defende Lopes (2012), pode ser considerada como um campo discursivo inscrito sob o aparato histórico e linguístico, ao passo que permite ao jornalismo se posicionar como um lugar de autoridade. No entanto, até mesmo no espaço discursivo do jornalismo, assim como em qualquer outro espaço discursivo, temos deslizamentos de sentidos que ponderam sobre diferentes efeitos ideológicos mobilizados sócio-historicamente por meio do discurso.

Desse modo, a prática jornalística aqui exposta diz respeito à exibição de uma reportagem que foi veiculada no programa semanal Domingo Espetacular da Rede Record de

televisão, por meio da qual o jornalista Roberto Cabrini entrevistou o porta-voz oficial do governo do Talibã, Enamullah Samangani, no Afeganistão. Esse programa dominical em horário nobre enuncia a partir de um efeito de criticidade, imparcialidade e apartidarismo. Assim, esse modelo de jornalismo se apresenta como um prestador de serviços à população brasileira. No entanto, com base no campo epistemológico da ADM, sabemos que a língua “constitui a base material de processos discursivos, que, como vimos, são processos de produção de significação fortemente articulados com processos sócio-históricos” (MARIANI, 1996, p. 29), e não são neutros, nem desvinculados de posições ideológicas sobre os fenômenos do mundo.

Em virtude disso, não há que se falar aqui em neutralidade no discurso jornalístico, muito pelo contrário, é possível compreender diferentes posições-sujeito que reverberam múltiplos sentidos, uma vez que a prática jornalística não se configura como mero instrumento de comunicação midiática. Mariani (1996) postula que a instituição jornalística almeja atrair consumidores e que toda notícia é veiculada para determinados segmentos da sociedade, criando a imagem e/ou efeito de um possível sujeito destinatário ideal. “Esta imagem, por sua vez, pode ser apreendida, na própria prática do discurso jornalístico: no 'como se diz' já se encontra embutido o 'quem vai ler’” (MARIANI, 1996, p. 58), e o que se deve e pode ler.

A influência da mídia nas tomadas de posições dos sujeitos é algo sobremaneira evidente em nossa sociedade capitalista contemporânea. Em seu funcionamento discursivo, o discurso jornalístico interpreta fatos e busca produzir diferentes sentidos destinados à opinião pública, como se o jornalismo apresentasse respostas às demandas sociais, num movimento de administração de sentidos, a partir do efeito de completude, como se ele dissesse tudo o que deve ser dito sobre determinada questão de maneira transparente. Há, desse modo, um mito da informatividade e a produção de um efeito de ilusão por parte da imprensa. Os sentidos são produzidos a partir das posições ideológicas ocupadas, a exemplo das instituições que dominam⁶ os meios de comunicação e ocupam um lugar de prestígio, como detentoras da “verdade” sobre os acontecimentos que são noticiados cotidianamente na imprensa. Nesse sentido, conforme Mariani (1996), podemos afirmar que o discurso jornalístico visa atuar, de forma dominante, na institucionalização social dos sentidos, objetivando constituir o imaginário social a partir de diferentes significações.

⁶ “A ideologia dominante tem uma grande vantagem na determinação do que pode ser considerado um critério legítimo de avaliação do conflito, já que controla efetivamente as instituições culturais e políticas da sociedade. Pode usar e abusar abertamente da linguagem, pois o risco de ser desmascarada é pequeno, tanto por causa da relação de forças existentes quanto ao sistema de dois pesos e duas medidas aplicado às questões debatidas pelos defensores da ordem estabelecida” (MÉSZÁROS, 2004, p. 59).

Em nosso objeto de estudo, vemos que o discurso produzido mostra posições ideológicas contrárias ao Talibã, pois, repetidas vezes, o jornalista traz perguntas com efeitos conflitantes que desgastam a imagem desse governo. As críticas são postas em circulação por meio da entrevista e o entrevistado precisa mobilizar-se discursivamente para que estabeleça o contraditório. Roberto Cabrini é um jornalista que enuncia a partir dos ditames da instituição a que pertence (Rede Record), por isso necessita satisfazer não os seus interesses, mas os de um aparelho ideológico⁷ (ALTHUSSER, 1980) que constituem seu discurso: uma emissora ocidental, em um país democrático, de costumes religiosos cristãos e mercadológica, firmada na Teologia da Prosperidade⁸. Por tudo isso, temos sujeitos constituídos por meio de forças ideológicas.

O governo Talibã e a Comunidade Internacional

Essa primeira materialidade discursiva, constituída por duas sequências, diz respeito ao início da entrevista veiculada por ocasião do programa Domingo Espetacular da Rede Record de televisão. Temos, desse modo, duas sequências discursivas: a primeira formulada pela pergunta do entrevistador; e a segunda organizada por meio da resposta do entrevistado. Vejamos a seguir:

Roberto Cabrini: Nós identificamos que o governo Talibã está tentando ter um relacionamento melhor com a Comunidade Internacional, mas nós também temos a informação de que existe nesse momento uma disputa entre os mais moderados e os mais radicais do Talibã. Como é que isso vai ser processado, como é que isso vai ser desenvolvido a partir de agora, quem é que vai vencer essa disputa?

Enamullah Samangani: Até mesmo as Nações Unidas admitem que o Talibã tem apoio local. Os afegãos querem acima de tudo serem independentes e o Talibã no poder reflete esse desejo. Estamos aqui para resgatar nossos valores religiosos e nacionais.

Inicialmente, podemos notar que o entrevistador Roberto Cabrini é pertencente ao mundo ocidental, neste caso, ao Brasil. Em plena consonância com as condições de produção

⁷ "Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas" (ALTHUSSER, 1980, p.43).

⁸ "A Teologia da Prosperidade ensina que a pobreza é resultado de falta de fé ou ignorância. O princípio da prosperidade é a doação financeira, entendida não como gratidão ou devolução a Deus (como na teologia tradicional) mas como um investimento. Devemos dar a Deus para que ele nos devolva com lucro. Mas quem são os procuradores de Deus na terra? A TP frisa não a doação criativa, mas a eclesiástica; uma teologia funcional para convencer pessoas a financiarem ministérios caros" (FREESTON, 1993, p. 105).

amplas e estritas e com as forças ideológicas que o interpelam, esse jornalista, a partir de sua posição-sujeito, materializa em seu dizer uma formulação interpretada ocidentalmente sobre as questões que envolvem o Talibã. No intradiscurso, o entrevistador ressalta que o “Talibã está tentando ter um relacionamento melhor com a Comunidade Internacional”.

Isso remete a uma memória discursiva, ancorada na ideia de que o Talibã, em outras épocas, não possuía relações amistosas com outros países. No início deste século, o próprio Talibã foi acusado de participar dos atentados às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, razão pela qual ainda há um relacionamento conturbado com a Comunidade Internacional, sobretudo, com os Estados Unidos, pelo fato de esse país invadir o território afegão e acusar o Talibã de ter dado abrigo ao líder Osama Bin Laden, suposto mandante dos ataques terroristas em 2001.

Essa posição-sujeito a partir da qual se formula o discurso de Roberto Cabrini, enquanto jornalista do quadro efetivo da Rede Record de televisão, uma emissora pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus, de linha neopentecostal, tendo como fundador seu líder maior Bispo Edir Macedo, é atravessada por formações ideológicas, pois esse que fala é um jornalista marcado pelos sentidos próprios a uma sociedade capitalista, ocidental, cristã, patriarcal, como é o caso do Brasil. Nessa perspectiva, os efeitos de sentido produzidos estão firmados em uma lógica definida, situada especialmente em condições e valores estritamente ocidentais.

Em seguida, o entrevistador aborda que existem dois grupos distintos em conflito: “os mais moderados e os mais radicais”. O jornalista pretende mostrar esse espaço de conflito no Afeganistão e isso não é algo contemporâneo, mas que vem de longa data, ao menos 20 anos, quando os Estados Unidos, um país capitalista, expulsaram o Talibã do Afeganistão e dominaram esse país em todos os sentidos possíveis, inclusive no que tange aos valores religiosos e nacionais (SANTOS, 2006). Isso mostra que a formação ideológica dominante, capitalista, reforça a ideia de que o grupo Talibã é um grupo terrorista, em detrimento de um grupo que quer expulsar o inimigo americano capitalista e obter de volta aquilo que lhe foi tomado à força: o poder de governar o próprio país a partir de valores religiosos e nacionais baseados em leis religiosas e jurídicas.

Como resposta a essas asserções, o porta-voz oficial do Talibã, Enamullah Samangani, se posiciona contrariamente à fala do entrevistador Roberto Cabrini. Em seguida, ele ressalta: “Até mesmo as Nações Unidas admitem que o Talibã tem apoio local”. Inicialmente,

destacamos a utilização de um argumento de autoridade⁹, pois a ONU, conforme o entrevistado, reconhece o apoio que o Talibã recebe de grande parte do povo afegão. Isso desencadeia, no processo discursivo, o efeito de sentido de que a maior organização mundial, que tem em sua filiação países de todo o mundo, já se posicionou, de certa forma, favoravelmente ao governo Talibã.

O uso do marcador “até” suscita um efeito de sentido que se associa à ideia de que não somente a ONU, mas também vários outros países concordam que afegãos apoiam o referido governo. Assim, o discurso de Enamullah Samangani atende à necessidade ideológica de criar um efeito de sentido positivo do grupo Talibã, a fim de inculcar a ideia de que esse grupo é reconhecido internacionalmente.

A formação discursiva se configura sobre aquilo que pode e deve ser dito. Ela se materializa no texto, no intradiscurso. Nesse caso, vemos um silêncio sobre outros possíveis países que não apoiam o governo Talibã. O entrevistado, por ocupar um lugar discursivo que visa manter os ideários que atendem exclusivamente às formações ideológicas do Talibã, e movido por forças ideológicas, formula apenas aquilo que pode e deve ser dito numa conjuntura dada, projetando uma posição-sujeito de obediência aos discursos promovidos pelo grupo ao qual se filia, ou seja, por sua formação discursiva. Certamente, existem outros países, além dos Estados Unidos, que não apoiam o governo Talibã, a exemplo da Alemanha, França, Inglaterra, Portugal, mas isso não foi dito explicitamente durante a entrevista.

Adiante, Enamullah Samangani advoga: “Os afegãos querem acima de tudo serem independentes e o Talibã no poder reflete esse desejo”. Essa afirmação nos exige pensar nessa independência, uma vez que, por meio do interdiscurso, percebemos que se trata de um discurso-outro, ancorado numa perspectiva sócio-histórica que reflete a invasão dos Estados Unidos ao território afegão, com a justificativa de derrotar os terroristas e honrar a memória das vítimas do atentado às torres gêmeas. Novamente, verificamos a retomada de outros discursos (memória) que apresentam uma zona de conflito, de polarização entre dois grupos: Talibã e estadunidenses.

O entrevistado ressalta que o “Talibã no poder reflete esse desejo”. Nesse momento, a memória discursiva é convocada para que os telespectadores lembrem como era o governo Talibã antes de ocorrer a invasão norte-americana. Esse discurso atual se ancora em outros discursos, sobretudo, no modo de vida afegão quando existia apenas o governo Talibã. Os

⁹ “O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 347).

mecanismos de funcionamento do discurso apresentam um possível efeito de imaginário positivo, à medida que faz recapitular uma ideia de que se esse governo continuar no poder, será possível ter uma vida independente, sem a presença dos ocidentais no território afegão. Assim, essas formações imaginárias são construídas via processo sócio-histórico, com o objetivo de ratificar os efeitos de sentido formulados por intermédio do discurso apresentado.

No excerto final da sequência discursiva do entrevistado, temos o seguinte trecho: “Estamos aqui para resgatar nossos valores religiosos e nacionais”. O verbo “estamos”, conjugado na primeira pessoa do plural, evidencia que o entrevistado realmente se posiciona em nome do grupo Talibã e isso ratifica sua posição-sujeito enquanto membro desse grupo e inscrito em uma formação discursiva política e religiosa. A sequência em destaque reforça os objetivos do Talibã, quais sejam, resgatar os valores de ordem religiosa e nacional. Ou seja, são aspectos que caracterizam parte da cultura do Oriente Médio, ao passo que a diferencia da cultura Ocidental, cuja base é, predominantemente, o Cristianismo. Historicamente, a religiosidade do Oriente Médio é, em sua grande maioria, de linha expressivamente islâmica. No entanto, alguns grupos mais extremistas promovem outras interpretações mais radicais de livros sagrados como o Alcorão, Sharia, que culminam com a morte daqueles que não aderem à mesma religião ou desobedecem às doutrinas que são estabelecidas pelos professores religiosos. Talvez, esse não seja o caso do Talibã.

Nessa formação discursiva, percebemos que o discurso do porta-voz Enamullah Samangani suscita uma memória, pois o uso do verbo “resgatar” está em plena relação com a invasão dos Estados Unidos. Ora, sabemos que quando esse país invadiu o Afeganistão trouxe a reboque a cultura ocidental que, pouco a pouco, foi silenciando e apagando a cultura local afegã. Aliado a isso, como diz o entrevistado, “os valores nacionais” também foram modificados, uma vez que os Estados Unidos, ao ficarem cerca de 20 anos em terras afegãs, promoveram um grande monopólio cultural. Podemos falar que os Estados Unidos estabeleceram uma nova discursividade sobre o Afeganistão, ou seja, algo constitutivo na ordem do imaginário sobre esse país.

Nesse sentido, roupas, comidas, comércio, religião, ou seja, a maioria dos traços socioculturais e históricos daquele povo foram modificados ao longo dos anos pelos possíveis opressores e invasores ocidentais capitaneados pelos Estados Unidos da América. A ideologia dominante trabalha para que as pessoas possam se identificar com ela e é por meio do discurso que isso acontece. A fala do entrevistado mostra que o principal ponto conflituoso se deu por ocasião dos Estados Unidos, um país que, por ser a maior potência mundial em termos de

economia, atua de forma violenta contra países menores, como aconteceu com o próprio Afeganistão e outros países, a exemplo do Iraque e as ameaças recentes impetradas contra a Venezuela, na América do Sul.

O talibã e o direito das mulheres

Essa segunda materialidade discursiva mostra a continuidade da entrevista entre Roberto Cabrini e Enamullah Samangani. A pergunta do jornalista abordou a questão dos direitos das mulheres durante o governo Talibã. É o que podemos observar nas sequências discursivas a seguir:

Roberto Cabrini: Existe uma grande preocupação na Comunidade Internacional em relação aos direitos das mulheres. As mulheres não estão podendo estudar não existem mulheres participando do governo. Isso vai ser sempre assim?

Enamullah Samangani: Esse governo foi formado às pressas, assumimos dessa forma em questão de poucos dias tivemos que nos organizar em todo Afeganistão. Tivemos que anunciar nosso gabinete rapidamente demais agora quanto a este julgamento que estão fazendo em relação as nossas escolhas é um julgamento injusto. Pedimos que a Comunidade Internacional não nos julgue porque ainda é muito cedo. Nós precisamos de tempo pra conversar com os professores religiosos, precisamos discutir isso com profundidade. Temos outras prioridades agora, a segurança do país foi a primeira prioridade segundo vem a economia e posteriormente vamos nos engajar nisso podemos resolver esses problemas dos direitos das mulheres e sua participação no governo, mas isso requer tempo.

Nestas sequências discursivas, percebemos que o entrevistador Roberto Cabrini menciona uma pauta muito importante na atualidade: o direito das mulheres diante do regime Talibã no Afeganistão. Não foram poucas as notícias que circularam na mídia internacional e brasileira acerca de possíveis opressões sofridas pelas mulheres afegãs, tendo seus direitos comprometidos com a volta do Talibã ao poder. O entrevistador reforça que a Comunidade Internacional, em sua maioria ocidental, está preocupada com o tratamento dado pelo Talibã às mulheres afegãs.

Na verdade, discursivamente, é sob o sistema patriarcal que surge a preocupação da Comunidade Internacional, uma vez que o papel da mulher, nesse modelo conservador do Talibã, se configura apenas como alguém que é submissa (ALTOÉ, 2003), de dura servis, ou seja, uma característica que é motivada sócio-historicamente e determinada por imposições provenientes da formação discursiva e da formação ideológica dessa conjuntura social de linha

islâmica. Ao mesmo tempo, vemos que o interdiscurso é evocado na pergunta do entrevistador, para ratificar as preocupações ocidentais acerca dos direitos das mulheres diante de um grupo que, ao que tudo indica, não considera como algo importante as lutas feministas em busca de igualdade, de lugares sociais, de direitos, a fim de não serem subjugadas.

Quando é mencionado que as mulheres “não estão podendo estudar” e “não existem mulheres participando do governo”, precisamos compreender que esse funcionamento discursivo sofre deslizamentos, pois aqui verificamos que a ideia postulada está mantendo estrita relação com os sentidos produzidos sobre o lugar da mulher como sendo aquele que exerce apenas atividades meramente domésticas, gera filhos, dá prazer sexual ao marido e cuida da família em casa. Contrariamente, ao homem, cabe trabalhar, governar, ocupar lugares de destaque na sociedade.

Esses efeitos de sentido construídos ideologicamente por meio de uma memória discursiva compartilhada ratificam a ideia de que o homem é o detentor de responsabilidades e a mulher se reserva apenas aos afazeres do lar, ao cuidado da família patriarcal, não podendo exercer mais nada além disso. Um aspecto que nos chama atenção é que esse ideário não é somente visualizado no governo Talibã, mas também promovido pela sociedade capitalista ocidental em muitos países, a exemplo do Brasil. Basta olharmos o modo como a mulher é representada em campanhas publicitárias (BARBOSA SILVA, 2017) e até mesmo pelo atual governo brasileiro que, por repetidas vezes, constrói um imaginário de mulher como uma pessoa frágil, incompetente e desprovida de qualquer inteligência.

Na fala do entrevistador existem esses deslocamentos que, historicamente, causam o efeito de desprestígio da mulher, uma vez que Cabrini representa uma posição-sujeito oriunda de uma concepção expressivamente ocidental de um país dividido em classes e capitalista, como é o caso do Brasil contemporâneo. Se por um lado as mulheres já lograram êxito em muitas conquistas e vêm a cada dia conseguindo novas vitórias por meio de árduas lutas, por outro, se perpetuam ataques à imagem da mulher, sobretudo, em questões voltadas ao corpo feminino. Como exemplo, basta lembrarmos dos ataques misóginos que a ex-presidente Dilma Rousseff sofreu por ocasião da sessão de votação do impeachment de 2016.

Como resposta, o entrevistado, porta-voz oficial do Talibã, estabelece um jogo discursivo a fim de minimizar as tensões entre seu grupo e a Comunidade Internacional. Ele postula: “Esse governo foi formado às pressas, assumimos dessa forma em questão de poucos dias tivemos que nos organizar em todo Afeganistão”. Vemos aqui que essa formulação do entrevistado cria um efeito de ilusão, pois defende ser um governo novo, recém-criado.

Entretanto, isso não se sustenta e desliza no âmbito discursivo, pois sabemos que o Talibã já existe há muito tempo e governava o Afeganistão antes mesmo da invasão dos Estados Unidos da América.

Em vista disso, não é possível falar em algo “novo”, mas sim em algo já-dito que reaparece de forma ressignificada por meio da relação língua-história. Como a língua não é algo transparente, observamos que há um silêncio¹⁰ (ORLANDI, 2007), sobretudo, pelo fato de o Talibã não ser um grupo novo e possuir antecedentes que ratificam a opressão às mulheres por meio dos valores políticos, sociais e, principalmente, religiosos de base extremamente conservadora. A partir do lugar social que Enamullah Samangani ocupa (cidadão afegão), também vemos o cotejo do seu lugar discursivo (com marcas sociais, ideológicas, históricas, linguísticas, caracterizadas como fundantes de sua função como porta-voz oficial do Talibã) em que ambos os aspectos configuram a posição-sujeito que indica lugar de poder, uma vez que ele é o porta-voz oficial do governo Talibã do Afeganistão.

Em seguida, ainda temos dizeres que tentam criar um efeito de sentido como se o Talibã estivesse sendo injustiçado pela Comunidade Internacional. É o que vemos no recorte: “Tivemos que anunciar nosso gabinete rapidamente demais agora quanto a este julgamento que estão fazendo em relação as nossas escolhas é um julgamento injusto”. Há nesse trecho uma contradição, pois como já dissemos, o Talibã não é um governo novo, muito pelo contrário, ele possui um histórico de governabilidade desde os primórdios do Afeganistão e só saiu do poder em virtude da expulsão impetrada pelos Estados Unidos no início desse século XXI. Notamos que existe um esforço de atualização de uma memória discursiva, deslocando efeitos que produzem sentidos positivos quanto à imagem do grupo Talibã diante do mundo ocidental.

A crítica à Comunidade Internacional é lançada porque a grande maioria dessa mesma Comunidade é predominantemente ocidental e não concorda com as tomadas de posição do Talibã em relação aos direitos humanos, a exemplo das mulheres, dos cristãos, entre outros grupos que se encontram em terras afegãs. Assim, podemos notar que as formações ideológicas pertencentes ao Talibã e à Comunidade Internacional são expressivamente antagônicas, motivo pelo qual se justifica o conflito, a polarização. Nesse sentido, esses dizeres do porta-voz se configuram como respostas do grupo a que se filia, sendo interpelado a todo instante por seu lugar discursivo.

¹⁰ “A significação não se desenvolve sobre linha reta, mensurável, calculável, segmentável. Os sentidos são dispersos, eles se desenvolvem em todas as direções e se fazem por diferentes matérias entre as quais se encontra o silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 46).

Ademais, o entrevistado ressalta: “Pedimos que a Comunidade Internacional não nos julgue porque ainda é muito cedo”. Questionamos a quem se refere esse verbo conjugado na primeira pessoa do plural, pois está fazendo um pedido explícito. A nosso ver, ele funciona como uma filiação do porta-voz ao Talibã, como um efeito que os junta, os unifica em um “nós”. Assim, esse discurso representa todo o grupo Talibã que é movido por crenças, valores, ideologias, visões de mundo, as quais representam os lugares sociais que esse grupo ocupa na sociedade afegã. Novamente, percebemos que o discurso produz um efeito de sentido como se o regime Talibã fosse algo novo, que acabou de tomar o poder pela primeira vez. Assim, silencia-se que esse mesmo governo já esteve no controle do poder no Afeganistão e todas as questões advindas dessa atuação.

Esses arrazoados ideológicos trabalham para que as pessoas se filiem ao efeito de sentido de que se trata de um governo novo, com novas ideias e que está sofrendo julgamentos antecipados pela Comunidade Internacional. O discurso também funciona de modo a desmistificar a ideia de que o Talibã é um grupo de vertente terrorista que almeja destruir todos aqueles que se opuserem aos seus ideários de governabilidade. Quando se refere às questões que envolvem os direitos das mulheres, Enamullah lança a seguinte sequência: “Nós precisamos de tempo pra conversar com os professores religiosos precisamos discutir isso com profundidade”.

Ao dizer que irão conversar com os professores religiosos, o porta-voz oficial remonta a uma memória discursiva de que todas as tomadas de decisões são oriundas da religiosidade, sobretudo, vinculadas ao regimento da Sharia¹¹. Trata-se de um conjunto de preceitos retirados do Alcorão, pensamentos do profeta Maomé, bem como ensinamentos de outros eruditos e estudiosos do Islamismo. A Sharia preconiza orientações em todos os setores possíveis da vida islâmica, incluindo os modos de comportamento das mulheres. Diante disso, esse ato de “conversar com os professores religiosos” evoca efeitos de sentido que estão enraizados em valores patriarcais de linha expressivamente conservadora e, às vezes, sobremaneira extremista. E como ficam os direitos das mulheres afegãs com esse governo?

A mulher, que é o cerne da discussão dessa sequência, não tem voz nem vez, ao passo que o homem é o líder e detentor de todo o saber. Isso está silenciado nessa sequência, mas pode ser recuperado por meio do discurso-outro presente nos fios ideológicos que atravessam

¹¹ “No Islã não há distinção entre a religião e a política, tampouco entre a fé e a moral. **Todas as obrigações religiosas, morais e sociais do homem estão estabelecidas na sagrada lei muçumana, a Sharia, o caminho correto para a conduta humana.** A lei sagrada se expressa, sobretudo, no Alcorão, que é muito mais que um texto religioso. Trata-se de um livro de leis que contém instruções sobre o governo da sociedade, a economia, o casamento, a moral, **o status da mulher**, etc. (ALTOÉ, 2003, p. 35, grifos nossos).

a fala do porta-voz do Talibã. A Sharia é uma lei religiosa e jurídica e dificilmente sofre variações. Mesmo Enamullah afirmando que irão discutir com profundidade, sabemos que isso dificilmente será modificado, haja vista a rigidez das leis que têm como base fundante a religião islâmica.

Ao final de sua resposta, o entrevistado afirma: “Temos outras prioridades agora a segurança do país foi a primeira prioridade segundo vem a economia e posteriormente vamos nos engajar nisso podemos resolver esses problemas dos direitos das mulheres e sua participação no governo, mas isso requer tempo”. Esse recorte atesta que, ideologicamente, o direito das mulheres não é uma pauta urgente no governo Talibã. Conforme a fala do porta-voz, existem outras prioridades, a exemplo da segurança e da economia.

Vemos, dessa maneira, que a formação ideológica desse discurso se inscreve em um modelo que não considera as lutas feministas como algo importante, muito pelo contrário, considera a mulher apenas dentro de um sistema opressor, de subserviência aos homens, devendo apenas obedecer aos ditames e ponto final. Essas ponderações confirmam que o lugar da mulher não é algo prioritário e pode ser discutido em outro momento porque outros assuntos (segurança, economia) são mais importantes. Temos, desse modo, uma rede de memória e uma atualidade muito próximas nos moldes do governo Talibã. Nesse sentido, por mais que enuncie um esforço para atualizar a memória, vemos que o referido grupo é fundado sob a égide patriarcal, opressora. E a mulher é o alvo da opressão, sobretudo, por ser mulher.

Considerações finais

Neste artigo, pudemos apresentar gestos de análise sobre discursos que envolvem os últimos acontecimentos no Afeganistão, sobretudo, pelo fato de o Talibã retomar o governo após a retirada dos Estados Unidos. Chegando a este ponto de nossa pesquisa, cabe destacar que, de um lado, temos um jornalista, ocidental, filiado a uma emissora de linha evangélica neopentecostal, apoiadora de um governo brasileiro de extrema direita; de outro, um representante do governo oficial do Talibã, pertencente ao mundo islâmico, e também de base conservadora.

Ambos enunciam a partir da ilusão de serem a origem de seus discursos, no entanto, os sujeitos são concebidos como uma função que pode discursivizar diferentes práticas dependendo das posições que ocupam, do lugar de onde enunciam, o que, conforme os arrazoados tecidos neste estudo, nos parece apontar para duas posições-sujeito que

entrevistador e entrevistado ocupam discursivamente, produzindo diferentes significações sobre a questão.

Constatamos, por meio do discurso jornalístico analisado, que o espaço discursivo em tela se configura como um lugar de tensão, deslizamentos, deslocamentos, polarização. As marcas discursivas nos recortes analisados nos mostram ponderações sobre as características do governo Talibã. Uma memória antiga e uma nova são cotejadas nas sequências da entrevista. Enquanto o entrevistador fala sobre o passado, o entrevistado fala sobre o presente. Os sentidos e os sujeitos se produzem a partir de dois polos de significação.

Sobre o discurso jornalístico, pelo viés da ADM, não o compreendemos como da ordem do imparcial. O funcionamento desse discurso não é neutro, se dá a partir de determinados posicionamentos ideológicos e produz sentidos a eles articulados. Durante nossas análises, pudemos notar que o movimento dos sentidos traz uma representação do grupo Talibã como apenas extremistas de base conservadora que destrói tudo aquilo que não se adequa a sua conjuntura política, ideológica, a exemplo dos desobedientes aos preceitos da Sharia.

As sequências analisadas ainda formulam diferentes representações discursivas sobre o governo Talibã. O direito das mulheres é um ponto fulcral, pois conforme apresentamos na fala do porta-voz Enamullah Samangani, são os professores religiosos que irão decidir quais serão os direitos e os deveres das mulheres durante o novo (ou velho?) governo. Mesmo com muitas conquistas, os direitos das mulheres ainda serão apreciados pelos religiosos conservadores, pois estes não aceitam as determinações ocidentais. As próprias mulheres afegãs não têm a liberdade de decisão e, em consequência disso, os homens decidem sobre seu comportamento. Assim sendo, a figura masculina, ancorada no patriarcado, é convocada para, de forma desigual, manter acesa a chama das relações de poder cuja culminância se desdobra com a opressão das mulheres. Lá, aqui, em todos os lugares.

Referências

ALTOÉ, Adailton. **O islã e os mulçumanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 25–42, 2012.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA SILVA, Samuel. **A mulher no discurso da publicidade e os efeitos de sentido para promoção do capital**. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017

ERICSON, Sóstenes. Estado democrático de direito: deslocamentos e ambiguidades na argumentação. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 19, n. 1, p. 103-120, 31 ago. 2019.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. 1993. 307f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 1993.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama; MAGALHÃES, Belmira; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio; CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Maceió/AL: EDUFAL, 2009.

LOPES, Maraisa. **Folha**: do manual ao jornal ou do jornalístico ao pedagógico. 2012. 191 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270535>. Acesso em: 20 out. 2021.

LOPES, Maraisa. Manuais de redação da Folha de S. Paulo: dos efeitos de sentido produzidos por seus aspectos materiais, **Entremeios [Revista de Estudos do Discurso], Seção Estudos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL)**, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), vol. 11, p. 99-111, jul. - dez. 2015.

MAGALHÃES, Belmira. O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 73-90, 2003.

MARIANI, Bethania Sampaio Correa. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). 1996. 256f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270690>. Acesso em: 22 out. 2021.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e Argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, n.1, p. 73-81, jul-dez.1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/6915/6378>. Acesso em: 15 out. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas/SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. Ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista – Discurso do confronto**: velho e novo mundo. 2. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua brasileira e outras histórias**: discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas/SP: RG Editora, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015.

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Pontes Editores, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana M. Serrani. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014.

PIRIS, Eduardo Lopes. A argumentação numa perspectiva materialista do discurso, **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 97-121, dez. 2016.

SANTOS, Marcelo. The U.S. supremacy after the Cold War. **Perspectivas**, São Paulo, v.29, p.37-66, jan./jun. 2006.

VAISMAN, Ester. A ideologia e sua disseminação ontológica, **Verinotio (Online)**, Rio de Janeiro, n. 12, Ano VI, p. 40-64, out. 2010.